



SOCIABILIDADE E JUVENTUDE RURAL: A FESTA JUNINA COMO ELEMENTO FORTALECEDOR DA CULTURA JUVENIL DO CAMPO

SOCIABILITY AND RURAL YOUTH: THE JUNE PARTY (FESTA JUNINA) AS A STRENGTHENING ELEMENT OF THE JUVENILE CULTURE IN RURAL AREAS

SOCIABILIDAD Y JUVENTUD RURAL: LA FIESTA JUNINA COMO ELEMENTO FORTALECEDOR DE LA CULTURA JUVENIL EN EL CAMPO

Silvia Regina Marques Jardim

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Políticas e Drogas- GePAD
E-mail: silvia.jardim@hotmail.com

Zizelda Lima Fernandes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Políticas e Drogas – GePAD
E-mail: zizafernandes@yahoo.com.br

Luci Mara Bertoni

Professora Titular da UESB
Docente do Programa de Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB)
Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Políticas e Drogas – GePAD
E-mail: profaluci@uesb.edu.br

RESUMO:

Neste artigo, compartilhamos dados de pesquisa realizada no Assentamento de Reforma Agrária Bela Vista do Chibarro, localizado em Araraquara, São Paulo, cujo objetivo foi desenvolver análises acerca da sociabilidade entre jovens no meio rural, por meio de suas experiências com festividades, dentre elas, a Festa Junina. Para tanto, apresentamos relatos de doze jovens do sexo feminino com idade entre 12 e 16 anos que moram naquela localidade. A pesquisa revela que as práticas de sociabilidade são importantes para as jovens quando, nessas práticas, encontram oportunidade de celebrar o ciclo da vida na qual estão inseridas, considerando que sua juventude é permeada por proibições. Constatamos que a Festa Junina na comunidade surge como um elemento de fortalecimento da identidade e do pertencimento, sobretudo, quando valoriza o espaço rural e as tradições da roça transmitidas pelas gerações, além de favorecer a integração entre espaços urbano e rural.

Palavras-chave: Festa Junina. Gênero. Juventude rural.

ABSTRACT:

We have purposefully tried to share research data, developed in an Agrarian Reform Settlement, in the country of São Paulo state. We have studied the minds and thoughts of female teenagers, concerning issues such as youth, education, future perspectives and social relationships. We have witnessed the June Party, in this settlement, rising as a strengthening element of identity and belonging, valuing the rural environment. The teenagers' speeches show a cycle of life permeated by prohibition, and the parties within this settlement become means for the young girls to celebrate this cycle of life. The June Party in the area researched preserves and values the rural traditions transmitted through generations, besides being an opportunity of integration between urban and rural areas.

Keywords: June Party; culture, youth; gender.

RESUMEN:

En este artículo compartimos los datos de una investigación realizada en “Assentamento de Reforma Agrária Bela Vista do Chibarro”, ubicado en el municipio de Araraquara, São Paulo, cuyo objetivo fue desarrollar análisis sobre la sociabilidad de los jóvenes en el espacio rural a partir de sus experiencias con las fiestas, entre ellas, la Fiesta Junina. Para tanto, presentamos relatos de doce jóvenes del sexo femenino con edad entre 12 y 16 años y que viven en este lugar. La investigación revela que las prácticas de sociabilidad son importantes para las jóvenes, cuando en estas prácticas encuentran la oportunidad de celebrar el ciclo de vida en que están insertas, considerando que su juventud es permeada por prohibiciones. Constatamos que la Fiesta Junina en la comunidad aparece como un elemento del fortalecimiento de la identidad y de la pertinencia sobre todo cuando valora el espacio rural y a las tradiciones del campo pasadas de generación en generación además de favorecer la integración entre los espacios urbano y rural.

Palabras clave: Fiesta Junina. Género. Juventud rural.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse texto é compartilhar um recorte de dados de pesquisa realizada no Assentamento de Reforma Agrária Bela Vista do Chibarro, localizado em Araraquara-SP, em que procuramos abordar a sociabilidade juvenil no meio rural por meio de suas experiências com festividades, dentre elas, a Festa Junina. Para tanto, voltamos nossa atenção para o modo de viver de jovens do sexo feminino que residem neste local e suas relações com a Festa Junina que acontece, neste assentamento, há mais de 20 anos, demonstrando como esse elemento cultural favorece as práticas de sociabilidade entre as jovens.

O interesse em realizar a pesquisa em um assentamento de reforma agrária está por compreendê-lo como um espaço fortemente revestido de uma cultura popular.

A maioria dos assentamentos é constituída por grupos que passaram por diferentes trajetórias, rupturas culturais e por diversos processos migratórios, inclusive na esfera urbana, desenvolvendo trabalho assalariado em espaços agrícolas. Sem perder a raiz da cultura rural tradicional, buscam formas para cultivá-la entre as gerações mais novas (WHITAKER; FIAMENGUE, 1995).

A subregião de Araraquara faz parte da região administrativa de Ribeirão Preto, região central do Estado, considerada grande produtora de cana de açúcar e de laranja, sendo reconhecida por sua alta concentração de agroindústrias sucroalcooleiras e cítricas. Araraquara está localizada a, aproximadamente, 270 km a noroeste da capital São Paulo. A cidade teve seu desenvolvimento por volta do ano de 1850 com a ferrovia e plantio do café e, após a crise do café, passou a dedicar-se ao plantio da cana-de-açúcar.

Atualmente, no município existem três assentamentos rurais que produzem frutas, grãos, mandioca, hortaliças, aves e suínos. A produção é voltada tanto para a comercialização nas feiras da cidade quanto para a alimentação familiar. A vida nos assentamentos de Reforma Agrária é pautada



pela solidariedade e, nessa região, é comum a troca da produção excedente entre famílias, trocas de serviços e até mesmo doações de alimentos para famílias mais carentes. Os assentamentos são: Fazenda Monte Alegre, Horto Bueno de Andrada e o Assentamento Bela Vista do Chibarro.

O Assentamento Bela Vista do Chibarro está localizado a pouco mais de 20 km da cidade de Araraquara e é de responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Sua formação ocorreu na década de 1980 e foi resultado da luta de ex-trabalhadores da usina de cana de açúcar Usina Tamoio que, devido a uma crise financeira nos anos 1970, deixa de pagar os salários aos trabalhadores rurais e, em 1980, não conseguindo quitar empréstimo feito à Caixa Econômica Estadual decreta falência¹. As famílias que integram o assentamento vieram de outros municípios paulistas e de vários lugares do país como Paraná, Minas Gerais, Bahia, e possuem uma cultura construída através de conflitos vividos pela Reforma Agrária.

O assentamento conta com 211 lotes e aproximadamente 257 famílias. A base de sua economia é agricultura familiar e pecuária de subsistência. Planta-se milho, mandioca e hortaliças, mas é comum os assentados recorrerem ao trabalho sazonal voltado para a colheita de laranja ou cana como estratégia de algum ganho financeiro para continuarem a dedicação à agricultura nos lotes, o que garante a autonomia e permanência na terra. Algumas famílias, tendo dificuldades em adquirir empréstimos para diversificar a produção agrícola, optaram pelo plantio de cana, o que tem gerado conflitos entre moradores. Encontramos no assentamento uma escola que atende Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. A escola é municipalizada, possui cerca de 15 mil metros e passou por várias mudanças desde a sua fundação em 1942 pelo dono da Usina Tamoio. Sua história é marcada por vários movimentos reivindicatórios de um ensino de qualidade, sendo, atualmente, uma referência para projetos de Educação do Campo no Estado de São Paulo. A comunidade almeja ter na escola a oferta do Ensino Médio e tem se mobilizado para realizar esse objetivo.

Outra conquista dos assentados é a Unidade de Saúde na Família, que teve melhorias a partir de 2008, com a reforma do prédio e ampliação do atendimento à comunidade. Possui duas igrejas católicas, duas igrejas da Assembleia de Deus, uma igreja Congregação Cristã do Brasil e uma igreja Adventista do Sétimo Dia. O assentamento conta, ainda, com um campo de futebol e duas mercearias que ficam localizadas na sua agrovila. A agrovila do assentamento é considerada o local de encontro entre as pessoas da comunidade. Nesse local, os jovens aproveitam para exercer práticas de sociabilidade entre seus pares.

¹ Elementos importantes que fazem parte da história desse assentamento têm sido retratados por diversos autores, tais como: Ferrante (1994), Brancaloni (2002) e Bastos (2006). Sobre os assentamentos implementados na região ver, por exemplo: Barone, Ferrante e Bergamasco (1995).

Acrescentamos, ainda, que, para a temática central desenvolvida neste artigo, procuramos dar um recorte para a categoria gênero que, por sua vez, ajuda a perceber a festa junina como uma das poucas oportunidades que as jovens têm para expressar e compartilhar seus saberes, suas histórias, desfrutando momentos importantes na vida. Entendemos que as questões juvenis são entrelaçadas por aspectos de ordem socioeconômicos, culturais, espaciais, de gênero, dentre outros. O interesse pelas relações de gênero se dá por entender que

A história de mulheres na constituição e trajetória dos assentamentos é marcada por muitos atos de discriminação naturalizada. Discriminação respaldada pelas visões patriarcais do projeto estatal, pelo atraso na extensão dos direitos trabalhistas e previdenciários, pela exclusão, por bom tempo, em programas de crédito/comercialização/investimentos (FERRANTE, 2010, p. 14).

Dados da pesquisa de Ferrante (2010) revelam que as políticas públicas voltadas para os assentados têm procurado incorporar as questões de gênero. Os diversos movimentos de mulheres rurais têm interferido positivamente para a superação de desigualdades e violências que marcam a vida das mulheres assentadas e trabalhadoras. Porém, nas relações estabelecidas no cotidiano, ainda há muito a ser conquistado. Nos assentamentos, ainda prevalece um modelo de família baseado na ideologia patriarcal em que a divisão de espaços é delimitada: às mulheres cabe o espaço da casa, cuidado dos filhos e da produção de alimentos dentro do lote. Os homens, “chefes de família” assumem o espaço público: nos sindicatos, nas esferas de lazer, nas associações e na comercialização dos produtos. Muitas mulheres atuam de modo significativo nos processos reivindicatórios, como nas questões que envolvem educação, transporte público e saúde, contudo a representação oficial é masculina. O trabalho da mulher é invisível, uma pequena ajuda ao marido ou uma “reserva” para as épocas de plantio ou colheita ou uma extensão do trabalho da casa por qual é “naturalmente” responsável (ser esposa, dona de casa, mãe). Muitas vezes, elas próprias incorporam o discurso da ideologia dominante, considerando seu trabalho de menor valor. Apesar de algumas mudanças, as mulheres oscilam entre resistir ou aceitar modelos, como sendo naturais ou, ainda, entendidos como resultado de uma escolha livre.

Outro ponto a ressaltar sobre os assentamentos de reforma agrária de um modo geral são as dificuldades financeiras das famílias. Na pesquisa desenvolvida, pudemos perceber histórias de vida constituídas por muito trabalho e esforço no sustento da família. É comum encontrarmos mulheres do assentamento trabalhando na cidade como diaristas, vendendo pães, bolos, artesanatos, ou seja, buscando formas alternativas de geração de renda que possibilitem às suas famílias continuarem na terra.



O desenvolvimento desse trabalho passa pelo entendimento de que a educação é uma das instâncias sociais que influenciam, confirmam, produzem ou reproduzem os processos de formação. Em seu caráter informal, a educação é um processo de socialização que se inicia na gravidez quando a família produz as expectativas com relação ao bebê que está sendo gerado. Whitaker (1988, p. 25) lembra que “nos primeiros anos a educação na família tem uma ação fortemente domesticadora para ambos os sexos”. Porém, as crianças serão “educadas” de forma diferente, de acordo com o que é considerado padrão para os meninos e para as meninas. Essa diferenciação na socialização acaba por produzir um distanciamento e, pode-se dizer, até mesmo oposição entre mulheres e homens, acarretando consequências ao longo da vida. A partir da diferença biológica, os vários processos de socialização atribuem características que vão sendo entendidas como naturais e não como resultado de mecanismos educacionais. Esse tipo de diferenciação é o que gera as desigualdades e é veiculado pelos diversos processos de educação considerados informais, marcando a vida de homens e mulheres. A constituição dos gêneros se faz a partir da sociabilidade e da educação, ambos em interação: sujeito e sociedade. Conforme afirmam Bertoni e Iñiguez-Ibarra (2017, p. 131):

Los procesos de socialización, que construyen la identidad, son el resultado de la mutua interrelación entre el sujeto, la sociedad y la cultura éste es un relacionamiento dinámico entre la persona y los diversos entornos en los que convive, y a estos entornos, el individuo devuelve los valores recibidos con su característica personal.

A fim de analisarmos como se dá esta relação de sociabilidade entre jovens deste assentamento, contamos com as histórias de doze jovens do sexo feminino, com idade entre 12 e 16 anos, que aceitaram escrever sobre seus cotidianos durante um ano letivo – a escrita foi feita em forma de diários íntimos. Para a realização da pesquisa, foi garantido o anonimato de seus nomes e também pedimos autorização por escrito de suas mães. Como forma de buscar complemento dos dados e enriquecer a pesquisa, fizemos entrevistas com as jovens, suas mães e avós. Por meio dos relatos orais e escritos, tivemos oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as histórias de lutas de famílias de trabalhadores assentados, seus modos de vida e suas práticas culturais.

2 JUVENTUDE: UM CONCEITO PLURAL

O início da juventude é um período da vida marcado pela expansão da vida social e o afloramento de características da sexualidade, que são biológicas, mas também são interpretadas

culturalmente. É um período de ansiedades, de reflexão sobre o mercado de trabalho, de decisões, de sentimentos diversos no que se refere a expectativas da família e da sociedade sobre seu futuro. Mas não é só isso. O jovem possui um olhar crítico e busca, a todo instante, subverter a ordem das coisas e, dependendo do modo como é interpretado pelas gerações mais velhas do seu grupo, pode provocar sentimentos de esperança ou de desalento.

Whitaker (2008), ao tecer considerações sobre estudos que se debruçaram sobre o tema juventude, aponta para a pouca atenção aos que pertencem ao meio rural. Os estudos que aparecem estão permeados por generalizações e por preconceitos. O jovem, muitas vezes, é visto como um indivíduo de poucas aspirações escolares e profissionais. Essa falta de olhar para a juventude rural sinaliza, ainda hoje, a representação da hierarquia existente entre campo e cidade, na qual o primeiro sempre aparece desvalorizado. Para a autora, as recentes pesquisas têm tido o cuidado para não se deixar levar por equívocos ao se tratar da juventude rural.

O importante é reconhecer que juventude não é homogênea, pois grupos de jovens têm especificidades que mudam de acordo com o contexto em que se encontram envolvidos. Essa pluralidade de vivências é reflexo da sociedade como um todo. Os jovens provenientes dos meios rurais possuem especificidades como: o pertencimento a uma família que possui raízes no campesinato, o constante contato com a natureza, aproximação com a produção de alimentos, os plantios, o trabalho na família, o transitar entre o campo e a cidade, aspirações escolares, profissionais e práticas de sociabilidade.

Castro (2008) contribui com a discussão ao lembrar que juventude é uma categoria complexa e que ser jovem, muitas vezes, representa uma hierarquia social em que a juventude é entendida a partir de uma concepção transitória do ciclo de vida que os coloca como

[...] pessoas em formação, incompletos, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados. Juventude rural é uma categoria particularmente reveladora dessa configuração de relações de hierarquia. A análise dessa categoria permite percebermos como os processos de construção de categorias sociais configuram e reforçam relações de hierarquia social. Um recorte central para a compreensão da reprodução social de relações de poder e de subordinação é olharmos mais de perto para a “posição” que ocupa a “jovem mulher” nesse cenário. (CASTRO, 2008, p. 124).

Juventude é parte do ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, entre eles a família e a escola. Esses processos podem gerar conflitos, uma vez que o processo de socialização lida com relações de poder (principalmente o poder do pai) e com o processo de constituição da identidade do indivíduo.



A cultura é outra temática que atravessa este trabalho, quando compreendemos que ela é inerente ao ser humano. Está ligada, fundamentalmente, aos modos como os indivíduos dão sentido ao mundo e às suas experiências; está ligada aos modos de vida que são legítimos e devem ser respeitados. Assim, ninguém atribui cultura a ninguém, pois todos os sujeitos estão imbuídos da cultura que produzem e transmitem às gerações por meio de diversos processos interativos entre os seres humanos. É por meio da cultura que os sujeitos afirmam sua existência e, ao aperfeiçoá-la, caminham para um grau maior de humanização.

O conceito de cultura reelaborado por Geertz (1989) mostra que a cultura é parte essencial no processo de formação do ser humano. Surge como um conjunto de mecanismos de controle que regulam o comportamento e que o ser humano depende dela para ordenar o seu comportamento, pois a cultura estabelece os limites e as fronteiras para o desenvolvimento de um grupo social. Ao mesmo tempo, ao se apropriar da cultura, também é possível questionar padrões impostos e promover mudanças.

A cultura permite a interação entre os seres humanos nas mais diversas práticas do cotidiano. Ela é um movimento que dá significado a diversas situações sociais e, por ser dinâmica, ajuda a compreender que todo ser humano está na cultura e, portanto, todos produzem cultura. Assim, é possível entender que a cultura é produto de um mecanismo de trocas que nos humanizam e promove a sociabilidade dos grupos, pois ela atua sobre o ser humano. Constituída por um sistema simbólico (normas, leis, artes etc.), a cultura se faz presente nas atividades humanas; ela é o universo de sentido e de valores que o grupo social dá àquilo que considera como sua realidade e que retrata, pois, modos de vida. As variações na cultura fazem sentido para os grupos que vivem essas variações e são resultados de sua história, da sua existência. A compreensão dessas diferenças como práticas culturais pode contribuir para a superação de preconceitos e, por sua vez, contribuir para o respeito à dignidade humana.

Whitaker (2003) afirma que a cultura possui um caráter lúdico que se manifesta, por exemplo, nas festas, nas celebrações, e também na religião, que pode ser entendida como uma forma de interação social. As práticas de sociabilidade podem ser consideradas uma forma de aquisição de solidariedade que contribui muito para o processo de humanização do ser humano. Em geral, as mulheres cultivam a solidariedade, pois são elas que mantêm contato com familiares, amigos, organizam festas, bazares etc. Neste sentido, corrobora Ferrante (2010, p. 13):

O papel das mulheres na constituição desses espaços de sociabilidade via autoconsumo (festivo, solidário ou associativo) é, muitas vezes, de liderança. Neste processo, as mulheres assumem o comando. Pautadas por relações de sociabilidade, as mulheres podem ser protagonistas da construção de um leque de

alternativas produtivas que possa garantir a segurança alimentar e a autoestima diluindo constrangimentos e assegurando a retomada das rédeas do desenvolvimento a partir de suas próprias iniciativas.

Nessas práticas, as pessoas desfrutam o prazer de viver em sociedade e de trocar experiências diversas, cultivando a amizade. Aqui, buscaremos falar sobre como as práticas de sociabilidade são importantes para as jovens que participaram da pesquisa. São nessas práticas que as jovens encontram uma oportunidade para celebrar o ciclo da vida na qual estão inseridas. Reconhecemos, assim, que “a sociabilidade se faz primordial no processo de socialização que os/as jovens vivenciam com seus grupos, seja na possibilidade de escolhas, seja no processo da construção de sentidos, seja na constituição da sua autonomia” (FERNANDES, 2017, p. 183).

Ao relatar fatos do cotidiano, as jovens, participantes desta pesquisa, ressaltam uma juventude marcada pela ida à escola e a realização de trabalhos domésticos. Quase não podem sair de casa, pois a família e a comunidade exercem um controle social sobre os seus comportamentos. Por outro lado, a família tem grande importância afetiva e isso faz com que as jovens usem esse apego para argumentar sobre o desejo de constituir uma família, mas ressaltam que isso será realizado depois que conquistarem a autonomia financeira. Notamos que temáticas relacionadas ao amor, ao afeto, à amizade e à solidariedade são recorrentes nos diários e nas experiências vividas pelas jovens.

Um tema constante é o trabalho doméstico e o cuidado com irmãos menores que surgem revestidos como uma função natural, uma obrigação a ser feita no dia a dia. Porém, é importante considerar que nem sempre esse trabalho é aceito passivamente. Os diários revelam, em diversas passagens, que o trabalho doméstico é visto como uma atividade que as impede de desfrutarem da sua juventude.

Como dito, o principal empecilho para viver sua cultura juvenil está nas formas do controle social exercido pela família, o que as impedem, por exemplo, de sair com amigos. A comunidade também exerce esse controle por meio de atos muito próximos ao vigiar e denunciar. Muitas vezes, esse controle social surge dissimulado por um discurso que defende o cuidado e a proteção que os adultos devem ter com as jovens mulheres. Os diários e as entrevistas realizadas permitiram perceber que a socialização é diferenciada para meninos e meninas. Apesar de os pais e as mães mostrarem-se preocupados com o futuro educacional e profissional dos filhos homens, estes podem usufruir uma maior liberdade para sair com os amigos e namorar.

Os relatos também permitiram visualizar mecanismos de resistência como práticas amorosas realizadas às escondidas e aspirações por autonomia por meio dos estudos e da conquista de trabalho. Atingir níveis mais elevados na educação escolar surge como um sonho a ser conquistado



e, nesse caso, a família não mostra diferenciações de gênero ao desejar que suas filhas alcancem elevados patamares no nível profissional. Essas resistências e sonhos são resultados das conquistas dos diversos movimentos de mulheres que ressoam nas práticas cotidianas, muitas vezes, práticas que passam despercebidas, mas que se revelam importantes para a superação de discriminação de gênero. Reiteramos que as participantes desejam profissões que possam contribuir com o desenvolvimento do assentamento como lugar para se viver, com qualidade de vida.

Em relação às práticas de sociabilidade, pudemos pontuar a importância da escola como espaço possível para desfrutar da vivência juvenil, permitindo usufruir de certa liberdade do espaço doméstico e do controle familiar. Estar na escola propicia o cultivo das amizades, o que pode ser entendido como uma forma de lazer e trocas de experiências e sensações com colegas da mesma idade. Fora da escola, mas no âmbito da casa, a televisão surge como uma forma de entretenimento muito comum, que propicia aquisição de informações, mas também exerce influência nos comportamentos. As festas na comunidade são oportunidades celebradas para reinventarem sua juventude e fortalecer sua cultura.

3 FESTA JUNINA: TRADIÇÃO, CULTURA E SOCIABILIDADE JUVENIL

As festas realizadas dentro do assentamento surgem como oportunidade de lazer e oportunidade para socializar com seus pares. As festas se resumem a aniversários ou nascimentos de bebês e a Festa Junina é um momento esperado, pois é um evento que ganhou visibilidade para além do assentamento, integrando os espaços rural e urbano. As mães, quando entrevistadas, justificam o controle social porque suas filhas precisam se dedicar aos estudos e, ao terem mais liberdade, podem engravidar (JARDIM, 2011). Se compararmos com os cuidados com os homens da mesma idade, este receio parece não existir e eles desfrutam de liberdade de ir e vir, e têm mais momentos reservados ao lazer. Nas horas em que não se dedicam à escola e ao trabalho nos lotes, os jovens desfrutam do lazer. As meninas assumem, desde muito cedo, as tarefas relacionadas à organização doméstica e praticamente são impedidas de sair. Essas jovens, para se sociabilizarem com seus pares, buscam estratégias como o uso do espaço escolar (fora da sala de aula), as festas dentro do assentamento e visitas a parentes.

Chamam-nos a atenção que, apesar das limitações impostas por viverem na área rural, observamos tanto nas entrevistas como nos registros escritos, que todas as jovens revelam o amor e o apego ao lugar. Ao serem entrevistadas, as jovens fizeram comparativos com os modos de vida da cidade, revelando atração pelas facilidades que o estilo urbano proporciona, como o fácil acesso a

supermercados, ao trabalho, à escola e ao asfalto. O asfalto, para elas, indicaria uma possibilidade de menos poeira em suas casas e facilidade em colocar as roupas para secar no varal. Porém, apesar de falarem dessa atração, observa-se facilmente o apego ao lugar de origem e os momentos reservados às festas contribuem para a valorização da cultura do meio rural. Nos relatos, é muito comum a valorização da natureza, pois elas estão em contato constante com pássaros, flores, árvores frutíferas e com a própria lida com a terra por meio de plantios e criação de animais. Há um sentimento de segurança e de tranquilidade em detrimento ao medo de assaltos, atropelamentos e barulhos comuns nas áreas urbanas, o que faz com o assentamento seja visto como um bom local para se viver.

Os relatos desmistificam que o jovem rural sente desejo de deixar o assentamento para viver na cidade. O que faltam são políticas públicas que valorizem, efetivamente, esse espaço social. Aqui, identificamos a cultura de um povo que está pautada na luta pela sustentabilidade, produção de alimentos por meio da agricultura familiar, valorização da natureza.

Vanessa², uma das participantes, argumenta: “aqui é bem melhor que a cidade porque se você quer uma fruta você tem que comprar e no Bela Vista não; você planta e colhe”. Além da tradicional Festa Junina, as pessoas fazem festas para promover solidariedade entre os pares:

Ontem foi legal teve festa. Todo mês vai ter festa na casa de minha tia e é para ajudar a igreja que eles vão. É uma paróquia, primeiro a missa e depois forró. Ainda bem que vai ter alguma coisa agora para ir e fazer na Bela Vista (Mariana, diário).

Portanto, apesar da pouca idade, a valorização e o orgulho de ser assentada pode ser reflexo de uma memória individual, familiar e coletiva, uma vez que elas presenciaram, por meio de histórias e relatos, a luta pela Reforma Agrária. Pode-se dizer que, nesse caso, essa “nova geração” possui uma herança cultural que serve como base para os sentimentos positivos de pertencer à identidade de assentado. A Festa Junina é um elemento que contribui para o fortalecimento da identidade em pertencer ao espaço rural e a importância em se valorizar e cuidar do local.

A Festa Junina está chegando. Minha prima é a Rainha da Bela Vista (Melissa, diário).
[...] a Festa Junina foi ótima. Eu dancei tanto (Catia, diário).
Foi linda a festa junina. Queria que não acabasse nunca (Daniela, diário).
Hoje 7:00 da noite, eu fui na Festa Junina, lá na festa foi muito bom [...] (Sandra, diário).

² Nomes das participantes são fictícios.



Dia 20 vai ter a Festa Junina aqui e eu gostaria que você viesse na festa. Vai sair um ônibus do Carmo para vir cá na festa. Vai vir bastante gente para cá (Lara, diário).

Whitaker e Fiamengue (1995) lembram que a conquista da terra pode significar fartura para a família alimentar os filhos e as filhas devido à produção, por exemplo, de frutas, verduras e legumes, criação de galinhas, de porcos, o que promove a satisfação das necessidades mais imediatas. Esse modo de entender o assentamento faz com que as mulheres, homens, jovens e crianças tenham uma relação de afeto com a terra. A Festa Junina é entendida como o momento de celebração da colheita, o que fortalece a cultura produzida pelo grupo.

No Assentamento Bela Vista, a Festa Junina, comemorada desde 1990, é uma das oportunidades de celebrar e divulgar a cultura camponesa, pois recebe visitantes não só de outras comunidades rurais, mas também de moradores das cidades vizinhas. Nos últimos anos, a festa tem acontecido em dois dias, sendo geralmente no sábado à noite e no domingo no decorrer do dia. No domingo, a festa acontece após uma missa em agradecimento à colheita.

A festa é realizada no “terreirão”, que é um espaço onde ocorrem manifestações culturais. Esse “terreirão” é um espaço que agrega dois terreiros do café do século XIX, o que visibiliza o patrimônio do local, uma vez que a festa conquistou visitantes na cidade e região; a entrada à festa é gratuita e existe ônibus com horários específicos para ida e retorno do assentamento, facilitando acesso de moradores da cidade e das regiões vizinhas.

Além de manter a tradição, valorizar a cultura camponesa e dar visibilidade ao assentamento, a festa é uma oportunidade de comercialização dos produtos dos assentados em suas barraquinhas, o que gera renda para eles e elas. A festa é marcada por danças, bebidas e comidas típicas, como por exemplo: quentão, vinho quente, bolo de milho, doce de abóbora, doce de mamão, pamonha, arroz doce, canjica, cural³, amendoim, entre outras iguarias.

Para a realização do evento, o assentamento recebe apoio do poder público municipal e também do setor privado, o que ajuda a preservar a tradição na roça e fortalecimento dos laços sociais que são transmitidos de geração a geração. Além das danças típicas, a festa conta com o casamento caipira, a barraca do beijo, a tradicional “cadeia” e fogueira de São João. Antes do desenvolvimento da tecnologia de comunicação, era muito comum, a barraca do “correio elegante”, oportunidade para declarações de amor e para marcar encontros. A festa conta com apresentação de

³ Com diferentes nomes do que se atribui a estas comidas no Nordeste Brasileiro, canjica é que chamam mugunzá e cural o que denominam de canjica. A preparação das receitas, também, apresenta peculiaridades. Em algumas cidades, a canjica é feita com milho branco e amendoim, por exemplo. Também o quentão é distinto da receita da Bahia que inclui algumas frutas, o quentão paulista é feito apenas com gengibre, açúcar, cachaça e água.

artistas, cantores e bandas da região que trazem um repertório diversificado de músicas nos dois dias em que o evento acontece.

Como pudemos constatar, essa festa envolve todo um processo de organização e planejamento de toda a comunidade, quanto à arrumação das barracas, ornamentos com bandeirinhas, preparação das danças típicas, ensaios para as quadrilhas da escola, preparação dos alimentos e das bebidas. Toda a comunidade se organiza, sendo esse um momento em que a rotina é alterada e os problemas podem ser deixados para um momento posterior. É, assim, uma ocasião em que as pessoas exercem a riqueza de poderem doar-se mutuamente. É o princípio da prática da solidariedade presente nas relações permeada pela produção de alimentos. Oportunidade, também, para a sociabilidade, principalmente para as jovens que têm o evento como uma das poucas festas que podem interagir com mais naturalidade com outras pessoas de sua idade e de outros locais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pudemos perceber nesta pesquisa, as jovens demonstram, pela forma de escrever e sentir o assentamento, que se trata de um território que carrega diferenças e está fortemente revestido de uma cultura popular e esse campo não nega outros traços culturais. O assentamento, como espaço de viver uma cultura, é fator constituinte da identidade de um grupo. Ele carrega em seu cerne toda uma força dos movimentos sociais que não só reivindicam a posse da terra, mas lutam por melhores condições de vida pautadas na defesa de direitos sociais. Os relatos obtidos desvelam histórias de vida constituídas por muito trabalho e esforço no sustento da família. As mães e as avós trabalham na cidade como diaristas, muitos maridos trabalham como pedreiros ou serventes de pedreiros na cidade. Os pequenos, mas pesados trabalhos na cidade são vistos como formas de ampliar a renda e continuar na terra. Embora trabalhando na cidade, mantêm laços estreitos com o meio rural e transmitem essas experiências para as novas gerações.

As atividades de lazer são mais raras para o sexo feminino e elas são formativas, pois permitem a troca de saberes e experiências. Estão relacionadas às sensações de bem estar do indivíduo, pois o ser humano é social e isso está além do “viver em grupo” ou da busca pela sobrevivência. A Festa Junina é uma oportunidade para as jovens experimentarem sensações como alegria, cuidado com a aparência física, oportunidade para encontros amorosos, cultivar amizades antigas e novas; conseguem sentir um pouco mais de liberdade, uma vez que seus comportamentos estão, a todo o momento, “vigiados” na comunidade.



Como dito no início do trabalho, o assentamento é formado por grupos vindos de diversas regiões do país e a Festa Junina proporciona um rememorar das culturas que contribuíram para a formação desse assentamento. Ela se constitui como a celebração do fim das colheitas, visibilizando a importância da agricultura familiar e dos laços sociais que compõem esta localidade, sendo, a nosso ver, um momento formativo importante para crianças e jovens.

Os registros nos diários mostram que as Festas Juninas na comunidade reanimam as relações de sociabilidade e são vividas com muito entusiasmo. A sociabilidade é um valor da cultura e está intimamente ligada à capacidade de melhor conhecer a condição humana e de dialogar com o contexto social vivido. Permeadas por contradições e possibilidades, observamos que é nas redes de sociabilidade que o indivíduo se percebe como pessoa e se reconhece no espaço e nas suas relações sociais, fatores que constituem a subjetividade. As festas no assentamento e, em especial a tradicional Festa Junina, são comemorações que nutrem as amizades quando é possível encontrar formas de apoio emocional, cumplicidades e cultivo ao afeto. Elementos que são importantes para o fortalecimento de identidade e da autoestima juvenil pertencente ao meio rural.

REFERÊNCIAS

BARONE, Luís Antônio; FERRANTE, Vera. Lucia Silveira Botta; BERGAMASCO, Sônia Maria. Trajetórias de assentamentos rurais: experiências em balanço. **Perspectivas**. Revista de Ciências Sociais. v. 17/18, 1995, p. 205-237.

BASTOS, Valéria Aparecida. A construção da gestão democrática em uma escola do campo. **Retratos de Assentamento**, Araraquara – SP: Programa de Pós-Graduação em Sociologia FCL/Unesp/Nupedor/CNPq, 2006, n. 10, p. 97-112.

BERTONI, Luci Mara; IÑIGUEZ-IBARRA, Ana Lucía. Desafíos de la contemporaneidad: género y educación. In: BERTONI, Luci Mara; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. (Org.). **Crise, conflitos e conhecimento no mundo contemporâneo**. Campinas-SP: Librum, 2017.

BRANCALEONI, Ana Paula Leivar. **Do rural ao urbano: o processo de adaptação de alunos moradores de um assentamento rural à escola urbana**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia e Letras. Universidade de São Paulo – USP. Departamento de Psicologia e Educação. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Ribeirão Preto, 2002.

CASTRO, Elisa Guaraná. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. (Org.). **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara, 2008, p. 112-130.

CASTRO, Elisa Guaraná; MARTINS, Maíra; ALMEIDA, Salomé L. Ferreira de; RODRIGUES, Maria E. Barrios; CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

FERNANDES, Zizelda Lima. **Jovens estudantes do ensino médio no município de Guanambi (BA): modos de ser e de viver a escola.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, 2017.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. Assentamentos rurais: um olhar sobre o difícil caminho de constituição de um novo modo de vida. **Retratos de Assentamento.** NUPEDOR; Programa de Pós-Graduação em Sociologia. FCL – UNESP, v. 1; ano, I, 1994. p. 75-155.

_____. Cidadania e políticas públicas para as mulheres rurais: Lugares atribuídos e espaços conquistados pelas assentadas. In: **I Simpósio “Feminismo, ação política e agroecologia”.** Recife, novembro 2010.

_____. Mulheres assentadas rurais em movimento: na casa e na rua, espaços de resistência. In: WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; FIAMENGUE Elis Cristina; VELOSO, Thelma Maria Grisi Veloso. **Ideologia e esquecimento: aspectos negados da memória social brasileira.** Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2010. p. 193-231.

FIAMENGUE, Elis Cristina. **Entre o espaço vivido e o espaço sonhado: imagens da infância num assentamento de trabalhadores rurais.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 1997.

JARDIM, Silvia Regina Marques. **“Entreaberto botão, entrefechada rosa”:** vivências da adolescência feminina em um assentamento de reforma agrária. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara, Araraquara, São Paulo, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **A Mulher & homem.** O mito da desigualdade. São Paulo: Moderna, 1988 (Coleção Polêmica).

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Ideologia X Cultura: Como harmonizar esses conceitos tão antagônicos? In: SOUZA, Eliana M. de Mello; CHAQUIME, Luciane Penteadó; LIMA, Paulo G. R. (orgs.). **Teoria e prática nas Ciências Sociais.** Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003, p. 13-37.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. (Org.). **Reforma agrária e desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais.** Brasília: MDA; São Paulo: Uniara (co-editor), 2008.

